



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Cotting Teixeira, Juliana; Santos da Silva, Méri Rosane  
SKATISTAS "CORRENDO PELO CERTO": NORMALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE  
SUBJETIVIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

Movimento, vol. 23, núm. 2, abril-junio, 2017, pp. 559-573

Escola de Educação Física  
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115351637009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# SKATISTAS “CORRENDO PELO CERTO”: NORMALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

*SKATEBOARDERS “GOING FOR THE RIGHT”: NORMALIZATION AND  
SUBJECTIVITY PRODUCTION IN CONTEMPORANEITY*

*SKATERS “CORRIENDO POR LO BUENO”: NORMALIZACIÓN Y PRODUCCIÓN  
DE SUBJETIVIDADES EN LA CONTEMPORANEIDAD*

**Juliana Cotting Teixeira\***, **Méri Rosane Santos da Silva\***

**Palavras chave:**  
Patinação.  
Poder.  
Comportamento.  
Moral.

**Resumo:** Este estudo visou analisar parte dos processos de produção das subjetividades skatistas nas suas relações com determinadas normas sociais em jogo na contemporaneidade, especificamente, através de uma vontade de inclusão de indivíduos e grupos sociais posicionados como anormais. A cartografia social foi usada como referencial teórico-metodológico e o material empírico baseou-se em falas de entrevistas ao rádio e à TV, conversas informais, cartazes de eventos, fotos retiradas de redes sociais no modo público e registros de Diário de Rua. Analisamos vetores de normalização sobre os skatistas articulados a determinadas normas sociais, através de ações e falas moralmente reconhecidas como “do bem”, com vistas a atribuir traços de legitimidade e normalidade estratégicos no jogo incessante das relações de poder e da condução de si mesmos.

**Keywords:**  
Skateboarding.  
Power.  
Behavior.  
Morals.

**Abstract:** This study aimed to analyze part of the processes of skateboarder's subjectivities in their relations with certain social rules that are in place in contemporaneity, specifically through a wish for inclusion by individuals and social groups positioned as abnormal. Social cartography was used as a theoretical-methodological framework and the empirical material included radio and TV interviews, informal conversations, posters of events, pictures taken from social media sites open to the public and street diary notes. We analyzed vectors of normalization related to skateboarders by connecting them with certain social norms through actions and speeches morally recognized as being “for the good”, in order to ascribe traits of legitimacy and normalcy that are strategic to the permanent game of power relations and conduction of oneself.

**Palabras clave:**  
Skate.  
Poder.  
Conducta.  
Moral.

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo analizar parte de los procesos de producción de las subjetividades de los *skaters* en sus relaciones con determinadas normas sociales establecidas en la época contemporánea, específicamente a través de la voluntad de inclusión de los individuos y grupos sociales tenidos como anormales. La cartografía social fue utilizada como referencial teórico metodológico y el material empírico consistió en entrevistas a la radio y a la televisión, charlas informales, carteles de eventos, fotos retiradas de redes sociales en modo público y registros de Diario de Calle. Analizamos vectores de normalización sobre los *skaters* que se articulan a determinadas normas sociales, a través de acciones y discursos moralmente reconocidos como “buenos”, con vistas a atribuir rasgos de legitimidad y normalidad estratégicos en el juego incessante de las relaciones de poder y de la conducción de sí mismos.

\*Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, RS, Brasil.  
E-mail: juliana.cotting.tx@gmail.com

Recebido em: 18-10-2016  
Aprovado em: 07-04-2017

 Licence Creative Commons

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

As práticas de ocupação da cidade dos skatistas *street*<sup>2</sup> têm se tornado cada vez mais presentes e diversificadas na contemporaneidade. É possível percebê-las em anúncios publicitários, programas e novelas de TV, disseminação de *skateparks* pelos centros urbanos, como meio de transporte, como prática esportiva competitiva, sobretudo, incluída como esporte olímpico nos Jogos de 2020 em Tóquio, em projetos sociais, na criação de escolinhas de formação e de ensino da modalidade, na produção de um mercado especializado, entre outras múltiplas.

Segundo estudos históricos, o *skateboarding* migrou para o Brasil à moda californiana, na década de 1960, ainda muito vinculado à cultura surfista, através dos trajes coloridos e manobras deslizantes, o que o tornou conhecido como “surfe de asfalto ou surfinho” (BRANDÃO, 2014, p. 294). Foi somente no final da década de 1970 que o *skate* apresentou seus primeiros traços de esportivização e especificidade, a partir de um movimento midiático e cultural que passou a desarticular o *skate* do surfe e vinculá-lo ao imaginário *punk* e de radicalidade (BRANDÃO, 2008). As *skateparks* e os campeonatos amadores e profissionais vão ganhar força na metade dos anos de 1980, já configurando uma modalidade esportiva intitulada *street*, posteriormente institucionalizada junto a outras modalidades com a criação da Confederação Brasileira de Skate (CBSK), em 1999.

Além da associação do *skate street* às características rebeldes da cultura *punk*, nos anos de 1980, era possível notar em revistas especializadas, como a *Yeah!*, *Esqueite*, *Overall*, entre outras, uma forte tendência e apologia ao desbravamento das ruas, através de enunciações como “[...] ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados; não acorde a cidade; vamos horrorizar o trânsito” (BRANDÃO, 2008, p. 18). Assim, intensificava-se nessas mídias uma supervalorização da ocupação das ruas e da transgressão da ordem como práticas legítimas à subjetividade do skatista *street* que se constituía, que já nasce comprometido com o ideal anárquico herdado do *punk*. Instala-se aí, na interface skatistas e cidade, uma série de conflitos e disputas sobre os modos de viver a ocupação do urbano por esses, resultando, inclusive, em proibições da prática em determinados espaços.

Estudos de Brandão (2014) e Machado (2012) sobre as relações entre poder público e skatistas na cidade de São Paulo demonstram que, historicamente, a construção de *skateparks* e a progressiva responsabilização do Estado pela implementação dessas vêm constituindo-se como modos de governar os skatistas *street*, uma vez que as pistas só passam a aparecer quando uma série de indisposições passa a se desenvolver.

Mesmo diante desse panorama, que vem funcionando como significante das subjetividades *skatísticas* ao longo dos anos, é possível afirmar que sua versão contemporânea vem demonstrando alta capacidade de se diversificar e se desprender de parte de sua gênese

1 “Correr pelo certo” foi uma expressão muito proferida pelos sujeitos pesquisados – skatistas *street* da cidade de Rio Grande/RS – e anunciada quando buscavam justificar suas ações “do bem”, discussão que será desenvolvida nesse artigo.

2 O *skate street* é uma das onze modalidades institucionalizadas do *skate*, as quais são (*Banks*, *Bowl*, *Downhill speed*, *Downhill slide*, *Freestyle*, *Mega rampa*, *Mini ramp*, *Push Race*, *Slalow*, *Vertical*). Ele consiste em praticar em obstáculos que são encontrados nas ruas das cidades como: monumentos, praças, bancos, corrimões, muretas, escadas, rampas de entrada de garagens, palcos, buracos, barrancos, paredes com inclinação entre 30° e 80°, entre outros. Também é praticado em *skateparks* (pistas de *skate*) onde existem rampas que simulam a arquitetura urbana de um modo adaptado ao *skate*. Existem no nosso país mais de 300 competidores profissionais e mais de dez mil competidores amadores. É a modalidade com o maior número de adeptos, cerca de 95% dos praticantes. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/modalidades/street>>. Acesso em: 3 out.2016.

e atualizar-se ao jogo de relações de poder<sup>3</sup> aceitáveis e possíveis do momento. Depois de mais de meia década de deslocamentos nos modos de constituição do sujeito skatista no Brasil, talvez este seja um célebre momento de efervescência cultural para experimentarmos a pergunta nietzschiana: “como nos tornamos aquilo que somos?”, ou, ainda, de inspiração foucaultiana, como os skatistas vêm tornando-se o que são nas suas relações com o saber, o poder e com a verdade nos tempos atuais? Uma vez que “[...] haverá sempre uma relação consigo que resiste aos códigos e aos poderes. A subjetivação, a relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando” (DELEUZE, 2005, p.111)

Tal problematização inicia em uma pesquisa de mestrado já concluída, da qual pudemos produzir um recorte a tal exposição. Aqui, visamos analisar parte dos processos de produção das subjetividades<sup>4</sup> skatistas, nas suas relações com determinadas normas sociais em jogo na contemporaneidade, especificamente, através de ações e falas moralmente<sup>5</sup> reconhecidas como “do bem”, com vistas a atribuir traços de legitimidade e normalidade estratégicos no jogo incessante das relações de poder e da condução de si mesmos. Para Foucault (1995, p. 248), podemos definir em termos de estratégias, “[...] os mecanismos utilizados nas relações de poder, pois, se é verdade que no centro das relações de poder há uma insubmissão e liberdades renitentes, não há relação de poder sem escapatória ou fuga [...] toda relação de poder implica uma estratégia de luta”.

A cartografia social foi utilizada como referencial teórico-metodológico, especialmente aquela proposta por Kastrup, Passos e Escóssia (2012) e Deleuze e Guattari (1995). Vale ressaltar que a concepção de normalização aqui utilizada não remete ao procedimento jurídico de estabelecer normas através de códigos e leis, mas sim, “[...] aos processos que buscam colocar todos sob uma norma já estabelecida e, no limite, sob a faixa de normalidade já definida por essa norma” (VEIGA-NETO, LOPES, 2007, p. 956). Nesse contexto, a norma é essencialmente social, entendida como arte de julgar. Para Fonseca (2010), “[...] cabem, na abrangência de seu significado, as normas de comportamento, as normas sociais, as normas de conduta, as normas que regulam os saberes, as normas que prescrevem ações”<sup>6</sup>. Nas operações de normalização, o ordenamento se dá por aproximação, comparação, classificação e atendimento das especificidades (VEIGA-NETO; LOPES, 2007). Aqui, demonstramos como a norma vem operando sobre e nas práticas dos skatistas, produzindo, como um de seus efeitos, mutações nos seus modos de viver a experiência do *skate* na cidade.

Suas práticas incitam uma vontade de atendimento a jovens considerados em situação de vulnerabilidade social e um movimento de comparação entre determinadas subjetividades skatistas, tomadas como mais “evoluídas” e mais “limpas”. Nessa esteira, mapeamos também práticas de aproximação com os idosos residentes no Asilo de Pobres, com as crianças, com skatistas da periferia e os apelos de uma vida cidadã, e com jovens abrigados em instituição de acolhimento. Assim, para além de um aparente “bom-mocismo” revelado em tais ações, suas

3 O poder só se exerce sobre sujeitos livres, enquanto livres – “entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, reações e modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1995, p. 244). Logo, o poder não é repressivo ou algo que se possa deter, mas sim, o exercício produtivo da ação de uns sobre as ações de outros, em que a liberdade de agir aparece como sua condição.

4 “A subjetividade é a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo. Se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si” (REVEL, 2005, p. 85)

5 “Por moral entende-se o conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos” (FOUCAULT, 1984, p. 26).

6 Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-epoca-da-norma/>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

enunciação fazem ver modos de normalizar-se e produzir novos sentidos à figura instituída historicamente ao sujeito skatista, numa operação de exclusão do outro anormal para incluir-se no mesmo normal.

## 2 UM MODO CARTOGRÁFICO DE PESQUISAR

Deleuze e Guattari (1995) apresentam uma série de características para pensarmos numa composição cartográfica da realidade, a partir da noção de rizoma, traçado como forma de afastamento a uma tendência arborescente do pensar. Para esses autores, a árvore é entendida como figura do pensamento pivotante, em que o seu tronco (matriz de pensamento) nunca cessa de controlar as possibilidades de crescimento dos galhos (ramificações do pensar). O rizoma, com suas seis características aproximativas na composição de outro pensamento sobre a realidade<sup>7</sup>, tem, na cartografia, o seu método de criação ancorado na produção de territórios existenciais e de linhas de produção de subjetividades, sempre dinâmicos e processuais. A cartografia, assim, consiste numa experimentação ancorada no real (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2012).

O território existencial é o espaço ocupado por modos de viver. Diferentemente de território geográfico, fixo, bem delimitado, o existencial apresenta uma expressividade. “As paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo à paisagem. Assim, se está em constante processo de produção. O território é antes de tudo um lugar de passagem” (ALVAREZ; PASSOS, 2010, p. 134). Ao mesmo tempo em que as linhas de força que atravessam o território se imbricam na produção de certos tipos de subjetividades, há sempre um esforço para a saída do território, um primado das linhas de fuga. Logo, “não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (DELEUZE, 1996).

Assentada na composição de mapas existenciais, a cartografia se faz pelo desenho de suas linhas de constituição, que podem ser de territorialização ou normalização – que tentam definir e dar uma rota segura ao território, bem como de desterritorialização ou de fuga – pelas quais um pensamento foge sem parar, um vazamento numa tubulação, uma rachadura numa estrutura (OLIVEIRA; PARAISO, 2012).

Num processo de dois anos de pesquisa, pudemos produzir um portfólio de registros diversos sobre as práticas dos skatistas de Rio Grande/RS<sup>8</sup>. Nomeamos essa série de registros de Diário de Rua, corpus de análise da pesquisa maior e do recorte analítico aqui estabelecido. O material empírico utilizado nessa ocasião são falas de entrevistas gravadas ao rádio e à TV, escutas e conversas informais com skatistas, cartazes de eventos, montagens de fotos e prints retiradas de redes sociais no modo público, concentradas, especialmente, no período de janeiro a dezembro de 2015.

Ressaltamos que, na perspectiva teórico-metodológica anunciada, tal multiplicidade de registros opera como marca fundamental, uma vez que seu esforço filosófico-político consiste

<sup>7</sup> São as seis características aproximativas do rizoma: princípio de conexão e de heterogeneidade; da multiplicidade; da ruptura assinificante; e da decalcomania. Para mais, consultar Deleuze e Guattari (1995).

<sup>8</sup> Rio Grande é um município localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, colonizado por famílias de origem europeia, sobretudo ingleses, alemães, portugueses e espanhóis, e abriga atualmente cerca de duzentos mil habitantes. Cidade portuária, encontra na pesca, nas atividades do polo naval e na agricultura suas principais fontes de sustentação econômica. Entre as práticas esportivas podemos destacar as aquáticas como as pioneiras, visto que, além de um estuário, também abrange o bairro-balneário Cassino, fundado em 1890 e, desde então, tomado como um espaço privilegiado de lazer e de turismo na região. Para saber mais sobre as relações entre o *skate* e as particularidades socioculturais de Rio Grande/RS, consultar Teixeira (2014).

em rachar os procedimentos arbóreos e rígidos de uma ciência mais positivista, especialmente, da sua ação de predeterminar o conjunto homogêneo e semelhante de fontes a serem utilizadas. Sintonizado com o cartografar não só enquanto método, mas também como modo de conceber outras possibilidades do fazer científico e do pensar, o corpus de análise deve se dar longe de qualquer pretensão de unificação, e dar vez aos acontecimentos na sua diferença mesma – ditos, imagens, conversas, desenhos, músicas, sensações, etc. –, em resposta ao princípio da heterogeneidade, mencionado em nota acima.

O critério utilizado ao aglutinar fontes, e que se dá em todo o processo da pesquisa, é o seu funcionamento como signo ao pensamento e à problematização. Assim, “[...] não é possível separar signo e pensamento, cadeias de pensamentos começam com encontros ao acaso. Isso implica que o pensamento deve ser uma prática criativa ao invés de um corpo de conhecimento” (WILLIAMS, 2013, p. 115). É justamente nessa abertura aos afetos e heterogeneidade de matérias de expressão que reside a potência da cartografia, sobretudo, porque a vida e os grupos sociais não cessam de escapar e de se reinventarem, sem a necessidade de um sistema que lhes dê unidade ou coerência.

A subjetividade – fabricada e modelada no âmbito social – vai se compondo através de agenciamentos coletivos de enunciação. Destaco que “[...] a enunciação da fala não tem caráter individual. Nem mesmo um sujeito a ela se remete. Os enunciados são sociais, são construídos coletivamente” (KHOURI, 2009)<sup>9</sup>. Logo, as linhas de normalização esboçadas puderam ser identificadas através do status de verdadeiro<sup>10</sup> que suas enunciações incidiam sobre os skatistas e, especialmente, sobre os demais espaços e grupos sociais contemporâneos. Percebemos, mesmo que em um contexto local, o caráter coletivo e macro de tais agenciamentos normalizadores, os quais não se restringem a verdades internas da subjetividade skatista ou específicas da localidade geográfica em que se deu a produção de registros, mas sim, referem-se a uma subjetividade inclusiva e normalizadora que atua de forma um tanto generalizada na contemporaneidade, interpelando a vida social e urbana sem limite de fronteira ou modalidade de apresentação.

### 3 SOBRE UMA VONTADE ESTRATÉGICA DE INCLUSÃO

“A Associação de Skatistas de Rio Grande quer ir além do esporte, quer promover ações junto a crianças em situação de vulnerabilidade social, trazendo o audiovisual como ferramenta de inclusão social”.

(Transcrição de falas de skatistas em entrevista ao Programa Equilíbrio FURG TV, Diário de Rua, junho de 2015).

O registro acima se refere à fala de um skatista membro da Associação de Skatistas de Rio Grande (ASK-RG) a um programa de TV<sup>11</sup>, em virtude de uma vitória inédita de um competidor local em uma etapa do Circuito gaúcho de street skate amador no respectivo ano.

<sup>9</sup> Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/198.%20rizoma%20e%20educa%C7%C3o.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/198.%20rizoma%20e%20educa%C7%C3o.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2017.

<sup>10</sup> “Cada sociedade tem seu regime geral de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros [...]. Em nossas sociedades, há um combate pela verdade, mas não em favor da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ele desempenha” (FOUCAULT, 1993, p. 12-13).

<sup>11</sup> “Programa que aborda as diferentes maneiras da busca pela qualidade de vida, física e mental. Alimentação correta, atividades físicas, prevenção de doenças, dieta e hábitos saudáveis fazem parte dos temas apresentados no programa. Além de mostrar ações para obtenção de um cotidiano mais equilibrado, o programa conta também com entrevistas de profissionais especializados em diversas áreas do conhecimento”. Disponível em: <<http://www.furgtv.furg.br/indexEquilibrio.html>>. Acesso em: 3 out. 2016.

Tais argumentações mostram não somente uma vontade de *bom-mocismo* em voga por parte do skatista, como também, e sobretudo, o exercício sutil de relações de poder e operações da norma como condição de possibilidades a sua dizibilidade. “O poder age através dos efeitos da palavra, ele incita, seduz, em alguns casos torna mais fácil, em outros, limita” (BUJES, 2000, p. 33). Em meio ao fervilhar sociocultural de políticas de inclusão social nos dias de hoje, como um de seus efeitos, nossos ouvidos tornam-se mais sensíveis e inclinados a quaisquer investidas de incluir aqueles nomeados como vulneráveis – os outros contemporâneos.

O status de verdadeiro conferido às práticas inclusivas dá visibilidade ao exercício de poder e de ações de governamento<sup>12</sup> atuantes não somente sobre as “crianças em situação de vulnerabilidade social”, mas, sobretudo, ao sujeito que inclui ou que visa incluir. Colocar-se na posição de sujeito que inclui produz efeitos de uma superioridade hierárquica à subjetividade skatista, uma condição normal revelada, um modo de normalizar-se e de dar assistência à norma pela via da exclusão do outro. Logo, assistir o “jovem outro vulnerável” produz mais efeitos de inclusão ao skatista que ao supostamente incluído, uma vez que inscreve sua subjetividade na gama de condutas inclusivas “do bem”, ofuscando parte da figura do sujeito punk – rebelde e transgressor – dos anos 80, que ainda significa algumas práticas skatistas.

A inclusão pode ser vista como o primeiro passo numa operação de ordenamento, pois é preciso a aproximação com o outro, para que se dê um primeiro (re) conhecimento, para que se estabeleça algum saber, por menor que seja, acerca desse outro. Detectada alguma diferença, se estabelece um estranhamento, seguido de uma oposição por dicotomia: o mesmo não se identifica com o outro, que agora é um estranho. É claro que aquele que opera a dicotomia, ou seja, quem parte, ‘é aquele que fica com a melhor parte’. Nesse caso, a melhor parte é do mesmo ou, talvez seja melhor dizer: é o próprio mesmo [...] se o normal depende do anormal para a sua própria satisfação, tranquilidade e singularidade, o anormal depende do normal para sua própria segurança e sobrevivência (VEIGA-NETO, 2001, p.113).

Logo, numa simples fala em prol de grupos vulneráveis e de uma vontade de incluí-los, há, paralelamente, produção de sentidos sobre si mesmos, através de uma aproximação estratégica com o outro anormal, em tempos de incitação à inclusão como prática moralmente reconhecida como “do bem”.

“Muitos atletas vão surgir com as pistas. O poder público tem que dar atenção, prevenção às drogas e à violência, o *skate* é segundo esporte mais praticado.”

“Tem um assunto de que na pista só cola cara que usa droga, isso e aquilo. Eu, por exemplo, sou um paradigma, sou o único skatista vereador do Brasil, não uso drogas, mas todo esporte tem quem use. Hoje em dia, não tá mais tão marginalizado. A maior parte dos skatistas estuda em colégio particular, querem ser médico, advogado. Hoje em dia, pista em final de semana tem família, chimarrão, é um lugar mais limpo. A TV também tá dando mais espaço pra *skate* e isso ajuda, propagandas de alimentos, de celular, de alistamento militar, novela. Isso faz com que cada vez mais se acabe com o preconceito e o *skate* evolua.”

“O *skate* ganhou um espaço na economia que tá diminuindo o preconceito no *skate*. Isso é uma história que se criou com os skatistas, lá da década de 60. Mas nós estamos aí pra mostrar que não é só assim, aos poucos vamos evoluindo.”

(Transcrição de falas de skatistas, entrevista ao Programa *Latitude FURG FM* – esportes de ação, Diário de Rua, junho de 2015)

12 “Governo é todo o conjunto de ações de poder que objetivam conduzir (governar), deliberadamente, a própria conduta ou a conduta dos outros [...] é a manifestação visível, material, do poder” (VEIGA-NETO, LOPES, 2007, p. 953).

Os excertos acima se referem à entrevista concedida à rádio por dois skatistas locais, pelo mesmo motivo da entrevista anterior. Vale ressaltar aqui o privilégio dado a fala de um deles, “o único skatista vereador do Brasil”, tornando evidente uma posição assimétrica de exercício do poder diante dos outros skatistas. Suas falas lançam mão de uma série de argumentos em prol de certa limpeza moral do skatista street, e de um desejo de normalização de si mesmos, sustentado pela noção de “evolução”. São narrativas que posicionam as ruas como lugar de “coisas erradas”, que evocam a inclusão de “molecadas” anormais, que mencionam um importante “ir além do esporte”, e que ressaltam as vantagens normalizadoras do skate, como “prevenção de drogas”.

Além disso, é evidente a elevação de determinadas subjetividades skatísticas como mais verdadeiras que outras, acionada por conexões entre ser skatista, mas advogado ou médico; ser skatista, mas um skatista atleta; ser skatista, mas estudar em colégio particular; ser skatista, mas ocupar a pista de skate no final de semana com a família – esse lugar “mais limpo”; ser skatista, mas mover a economia.

Conectadas ao excerto anterior, passamos a tomar tais falas como signos ao pensamento e à problematização<sup>13</sup>, espreitando a possibilidade de entendê-las como discursos inclinados a determinadas verdades morais do presente, que, como um de seus efeitos, produz sentidos de legitimidade e normalidade a esses sujeitos historicamente significados sob o estigma do rebelde e do marginal. Entendendo-se por verdade “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1993, p. 14).

Assim, passamos a notar que a elevação de determinadas subjetividades skatistas ao status de “evolução” e “limpeza” produz, como anormais, outros modos de exercer a experiência do skate, pela operação de comparação. “Aquilo que a norma torna visível são sempre desvios, diferenças, aquilo pelo qual nos distinguimos dos outros, ou até de nós mesmos [...] ela designa uma maneira de opor um bem de um mal” (EWALD, 1993, p. 111).

Mesmo atravessados por processos normalizadores históricos, tornando suas espacialidades e condutas desviantes, via instâncias midiáticas, políticas e culturais já narradas, há, na contemporaneidade, menos embate explícito e mais relação de ajuste, apropriação e enquadramento – vetores de normalização de suas subjetividades. Suas falas demonstram que não somente se reconhecem numa posição marginal, mas, sobretudo, mostram-se inclinados a normalizá-la, a modificar tais subjetividades “marginais” em boas, adequadas e esportivas.

Logo, nomear-se como skatista atleta e voltado à inclusão social do outro funciona como tática na produção de sentidos sobre si mesmos, na medida em que, socialmente, o esporte assume uma força de atração dos valores de ação que dá legitimidade e credibilidade àquilo que se caracteriza como esportivo (EHRENBERG, 2010) e as práticas de inclusão são concebidas, com pouca problematização, como práticas de “fazer o bem”.

A racionalidade do poder é a das táticas, muitas vezes bem explícitas no nível limitado em que se inscrevem – cinismo local do poder –, que, invocando-se e se propagando, encontrando em outra parte apoio e condição, esboçam finalmente dispositivos de conjunto (FOUCAULT, 2014, p. 113).

<sup>13</sup> “O esforço da cartografia consiste em suscitar problemas; em criar os termos nos quais eles se colocam, dar ao ser o que não era, em mexer, revolver, tirar o pensamento do lugar [...] o problema de uma cartografia não é um tesouro a ser descoberto numa ilha perdida, mas seu objeto de criação” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 166).

Logo, trata-se de conceber tais falas menos como expressões de um processo de normalização homogêneo, absoluto, mas como tática na condução da própria subjetividade, uma vez que a desconstrução de determinados sentidos marginalizantes, historicamente atribuídos ao skatista de rua, pode funcionar como um dispositivo de inversão do poder. Se resistir é ação de poder, o que resta é deixar de resistir? Por mais assujeitadoras que se mostrem as regulações contemporâneas, que insistem em normalizar e controlar as liberdades emergentes, “[...] é preciso ouvir o ronco surdo da batalha” (FOUCAULT, 2009, p. 291).

### 3.1 Sobre normalizar-se pela aproximação com o anormal

Para além de tais falas, foi possível mapear uma série de ações que visibilizam modos de produzir sentidos de legitimidade e “bom-mocismo” a si mesmos na composição de uma nova subjetividade skatista normal. Referimo-nos à implementação de eventos e projetos ao público de idosos, às crianças, aos apelos do discurso da cidadania, especialmente, aos skatistas de periferia e aos jovens abrigados em casas de acolhimento. Os anormais, aqui, são assim posicionados menos em “[...] função do que se poderia chamar de desvio natural em relação a alguma suposta essência normal, mas sim, em virtude da atribuição de uma marca social” (VEIGA-NETO, 2001, p.106). Essa é avaliada segundo critérios sociais diversos, como a capacidade de consumir, competência para fazer as “boas escolhas morais”, como “estudar, trabalhar, mover a economia, ocupar a pista de skate com a família”, pela imprevisibilidade de um futuro socialmente ajustado, pela assimetria diante do poder exercida diante outros grupos, pelo grau de ajustamento à norma existente no interior do próprio grupo, entre outros.

Figura 1 - Da relação com os idosos



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Realizado pela primeira vez em 2014, e tendo sua segunda edição em 2016, o evento “Skate no Asilo” foi organizado pelo grupo VS Family<sup>14</sup> junto com colaboradores e

14 Destaco que menções aos grupos VS Family, Skate Pra Frente Vida sem Crack, Guigs Plaza, Associação de Skatistas de Rio Grande (ASK-RG) serão recorrentes no decorrer das análises uma vez que tal disposição – a organização em grupos – mostrou-se como uma característica instituída nas práticas dos skatistas locais, análise estabelecida no corpo da dissertação da qual esse texto se origina.

patrocinadores. Após algumas iniciativas de arrecadação de alimentos em competições para doação à instituição local, que se caracteriza por ser um abrigo de idosos de baixa renda da cidade, sendo também nomeado de Asilo dos Pobres, os skatistas responsabilizaram-se pela causa, patenteando um evento específico aos “bons velhinhos”, com vistas a “doar alegria a quem precisa”. Abaixo do cartaz, consta a publicação em rede social, na página do grupo, com a divulgação do feito.

A enunciação “doe um pouco de alegria a quem precisa”, referindo-se aos idosos pobres asilados, por mais sutil e singela, coloca em operação um desvio com relação à normalidade jovem<sup>15</sup>. Logo, desprovidos dos atributos sociais da juventude, sobretudo, de uma “alegria” supostamente intrínseca ao jovem, os velhinhos são posicionados como sujeitos anormais, como um outro o qual é preciso incluir, carente de assistência e cuidado. Aqui, o skatista funciona como figura de sujeito emblemática na articulação entre doação de normalidade jovem aos velhinhos e operação de uma norma entre o próprio público de idosos, já que não se trata de qualquer velhinho, mas daqueles “bons”, não por acaso, residentes do Asilo de Pobres da cidade.

**Figura 2** - Da relação com as crianças



**Fonte:** Acervo pessoal das autoras.

No mês de outubro, quando são realizadas comemorações alusivas ao Dia das Crianças, os skatistas têm preparado eventos específicos para esse público, através de toda uma organização voltada à captura do universo infantil, com balões coloridos, brinquedos infláveis, uma orientação maior à diversão que à competição e com indicação de uso de equipamentos de proteção para a integridade dos pequenos. Vale destacar os slogans identificados no primeiro

15 A juventude aqui é entendida não como categoria de idade, como vão indicar alguns documentos legais, como o Estatuto Nacional da Juventude (de 15 a 29 anos), ou, ainda, como uma fase posterior à adolescência, compreendida entre os 12 e 18 anos pelo Estatuto da Criança e Adolescente. Por mais que muitos dos skatistas apresentem a faixa etária “de jovem” regulada por tais documentos, a juventude é aqui entendida como norma de vida (SOARES, 2011), isto é, como uma subjetividade normal que tende a se aplicar a diferentes grupos e indivíduos nos dias atuais, conferindo graus elevados de legitimidade àqueles que, mesmo idosos, ou em faixa etária adulta, se comportem e levem um modo de vida mais jovem – mais alegre, mais ativo, mais consumidor –, especialmente.

cartaz – #skate, #amizade, #diversão – colocados em evidência sobre um logotipo que faz menção a um aperto de mãos, logo abaixo da divulgação do nome do grupo responsável (Guigs Plaza) e de uma das maiores skate shops locais, a Aloha surf-skate.

Há, nesses cartazes, a incitação e produção de uma parcela infantil de skatistas a qual se quer incluir, em virtude do exercício de poder de determinados discursos sobre a infância inaugurados na Modernidade, visando “proteger as crianças das vicissitudes do mundo adulto e, ao mesmo tempo, vigiá-las e cuidá-las” (BUJES, 2010, p.168). Logo, manter as crianças skatistas sob vigilância permite, entre outras coisas, garantir uma previsibilidade do skatista adulto do futuro, sem menções a práticas de transgressão urbanas e elementos estéticos articulados ao punk e, especialmente, sem vinculá-las ao universo esportivo competitivo do skate, uma vez que é próprio da infância – enquanto verdade instituída – afastar-se do mundo adulto e sintonizar-se com seus códigos próprios, como a “diversão”, “a amizade” e o mundo colorido de balões e infláveis que o skate também pode oportunizar.

Figura 3 - Da relação com a cidadania



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Com mais de três edições já realizadas, o evento “Skate Cidadão” pode ser pensado e implementado por um grupo de skate da periferia da cidade intitulado “Skate pra frente Vida Sem Crack”, que tem como um de seus principais objetivos “promover o skate como ferramenta para retirar o jovem das drogas”, especialmente, dos perigos atribuídos ao crack. Na sua primeira edição, houve, inclusive, uma articulação com uma campanha da emissora Rede Globo gaúcha (RBSTV), nomeada de Crack nem Pensar<sup>16</sup>, em que o slogan do grupo de skate foi incorporado ao da campanha, através de um grafite pintado na parede de maior visibilidade da skatepark, observado na figura acima, logo abaixo do cartaz.

<sup>16</sup> Para saber mais, consultar página da campanha no site da emissora (Clic RBS. Crack nem pensar). Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/cracknempensar/home.0.3710.Home.html>>. Acesso em: 3 out. 2016.

Nesse contexto, o evento pode se estabelecer com legitimidade pela comunidade, alcançando, entre outras coisas, uma série de patrocinadores não envolvidos diretamente com a prática e uma visibilidade aos skatistas organizadores, que foram rotulados de “heróis da juventude da periferia”. Assim, foi possível que, na sua terceira edição, divulgada no cartaz acima, a competição de skate, especificamente a final da segunda etapa do circuito amador de street skate gaúcho de 2015, pudesse incorporar-se ao evento como nada mais que um atrativo, entre as diferentes práticas inclusivas que ali se fizeram presentes numa composição articulada “pela cidadania”, como tendas de saúde, panfletagem de políticas de prevenção de drogas, aferimento de pressão arterial, corte de cabelo gratuito, tendas de doação e de acolhimento de animais de rua, distribuição de preservativos, entre outras. Aqui, a cidadania pode funcionar como norma legitimadora, criando condições para que um evento pequeno da periferia pudesse alcançar as parcerias e patrocínios de diferentes outros grupos sociais, tangenciados na produção do skatista cidadão.

Figura 4 - Relação com os jovens abrigados em casa de acolhimento



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Foi através de um convite da equipe técnica da casa de acolhimento “Casa do Menor” à equipe VS Family que o projeto pôde ser implementado, sob o slogan “Manobrando desafios”, através da inserção do skate no interior da instituição e de uma série de outras atividades relacionadas à cultura urbana, como o grafite e o hip hop. Como sua primeira ação, o projeto contou com palestras e oficinas de skate, estendendo-se à produção de um cronograma de aulas que vêm sendo desenvolvidas junto às crianças acolhidas nas diferentes skateparks da cidade. Abaixo do cartaz do projeto é possível notar parte da rede enunciativa presente em tais ações, através de publicação em rede social, mostrando a atitude do grupo de skatistas diante do projeto, orientada por eles como “uma oportunidade que está sendo oferecida, na construção de uma sociedade mais justa e menos desigual”.

No entanto, no aparente “bom-mocismo” inscrito em tais práticas de intuito nivelador, estão assentadas práticas de divisão e de exclusão desses “jovens privados de viver a fase mais bela de suas vidas em plenitude”. A nomeação e captura do tempo e dos corpos desses jovens outros, esses os quais, como skatista, não são iguais a mim – sujeito normal em construção – colocam em visibilidade não tanto “uma sociedade menos desigual”, mas as profundas e até mesmo invisíveis rasuras que distinguem todos sob o guarda-chuva da norma. Assim, até mesmo uma série de práticas de aparência transgressora, implementadas por um grupo social que, historicamente, esteve vinculado à anormalidade, nas suas relações com a cidade, com o corpo, com a estética, entre outras, é interpelada por processos normalizadores, que visam aproximá-la do normal e, assim, não cessam de capturar a vida desses jovens outros, numa operação dicotômica de exclusão do outro para incluir a mim mesmo. Assim,

[...] ao fazer de um desconhecido um conhecido anormal, a norma faz desse anormal mais um caso seu. Dessa forma, também o anormal está na norma, está sob a norma, ao seu abrigo. O anormal é mais um caso, sempre previsto pela norma. Ainda que o anormal se oponha ao normal, ambos estão na norma (VEIGA-NETO, 2001, p.115).

Na perspectiva que experimentamos e do ponto de vista dos incessantes processos normalizadores que incidem sobre nós na contemporaneidade, esse desejo de inclusão dos skatistas e essa aproximação a grupos anormais podem ser concebidos para além de uma aparente sedução às normas que moralizam o skatista como “bom moço”, mas, sobretudo, pela disposição de tais práticas, de assistência, comparação e aproximação com a norma, enquanto estratégias de luta dos skatistas. Logo, os efeitos de legitimidade que tais conexões com a norma incidem sobre as suas subjetividades produzem, ao mesmo tempo, uma ampliação das suas possibilidades de ocupação da cidade, uma vez que, vestidos de “bons moços”, são minimizados os holofotes do poder sobre seus cotidianos, espaços e liberdades outras, atinentes à pluralidade de práticas experimentadas nos territórios existenciais da rua.

Assim, tais práticas funcionam como estratégias de luta, produzidas em resposta a determinados poderes que atuaram, e ainda atuam, sobre suas presenças na cidade, significando os skatistas sob determinados estigmas e mantendo-os sob uma maior vigilância. Talvez esteja aí a possibilidade de escutarmos o “ronco surdo” no território subjetivo em questão, uma vez que as resistências não se produzem de encontro ao poder, mas junto a ele, se travestindo, se metamorfoseando, ocupando seu status e produtividade a outros usos possíveis. Eis aqui apresentadas, em dois blocos de análise, as táticas utilizadas para tal.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE TRAMAS POSSÍVEIS DE RESISTÊNCIA

Mesmo que tais experimentações cartográficas tenham indicado movimentos territoriais inclinados a um desejo de normalizar-se pelo governo do outro anormal, notamos a constituição de um caráter estratégico nas práticas dos skatistas, esboçando modos de relacionarem-se com a produção de si mesmos diante do poder e da verdade incitados pelas normas e morais em jogo na contemporaneidade.

Assim, pudemos notar certo tom de ironia em suas práticas e falas e em seus desejos de norma, uma vez que “[...] o sujeito do discurso irônico sabe que o que diz não é propriamente o que a coisa é e sabe que a coisa nunca é aquilo de que dela se diz” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 100). No convívio com skatistas, não foi raro percebermos a ambivalência de sentidos que as

noções de “bem” e “mal” tomavam em suas práticas, diferenciando-se quando se relacionavam entre si e quando se dava o contato com grupos externos ao seu cotidiano. Nas entrevistas ao rádio e à TV, há aspectos que nos levam a pensar num caráter tático das falas, como o fato de serem ouvidos por programas altamente moralizantes, abertamente ajustados a códigos de conduta não tão vinculados ao território skatista ainda instituído, como “alimentação correta, atividades físicas, dieta e hábitos saudáveis”. Além disso, o fato da interlocução ter se dado somente com uma vitória no cenário esportivo competitivo de destaque de um atleta local pôde criar condições pra que um vocabulário esportivo funcionasse como eixo possível ao diálogo entre os skatistas e tais mídias.

Assim, a conexão com discursos moralmente reconhecidos como “do bem” pode se tratar, sobretudo, menos de uma paixão e uma sedução pelas normas e mais de uma utilização como tática ao enfrentamento de uma tomada do seu próprio governo e condução de si.

O modo de relação próprio do poder não há, pois, que buscá-lo, do lado da violência e da luta, nem do lado do contrato ou do nexo voluntário [...] mas do lado desse modo de ação singular, nem guerreiro nem jurídico, que é o governo (CASTRO, 2009, p. 190).

Assim, podemos afirmar que as subjetividades skatistas, nas suas relações estratégicas com o poder, acionam componentes [...] que derivam do poder, mas não depende deles” (DELEUZE, 2005, p. 109), produzindo mutações constantes nos seus processos de subjetivação. Logo, em meio às linhas de territorialização e normalização esboçadas, através de uma vontade de inclusão e de aproximação com o outro anormal, há, ao mesmo tempo, a ação de uma constante capacidade de resistir e de responder aos efeitos das forças que historicamente os atravessam.

Passamos a apostar que essa tendência normalizadora e contemporânea de “correr pelo certo” seria uma luta pela própria subjetividade ou, ainda, contra a submissão da subjetividade (FOUCAULT, 1995, p. 236), uma vez que “[...] as maiores batalhas foram vencidas pelos exércitos que souberam aproveitar-se das armas do inimigo, voltando-se contra ele próprio” (GALLO, 2013, p. 91).

Nesse contexto, a subjetividade skatista não se fabrica por uma essência intrínseca de sujeito, dotada de habilidades e capacidades natas a desenvolver ou por uma continuidade antropológica das práticas rebeldes que viriam a torná-lo um sujeito de estado livre, transgressor e fora do sistema por si só, mas por uma composição contingente e mutável de forças e formas que se atualiza permanentemente, já que “[...] toda forma é um conjunto de relações de forças” (DELEUZE, 2005, p. 132).

Logo, na complexidade e movimento de tramas e forças que nos constituem, não há espaço para dicotomias do tipo skatista-rebelde *versus* skatista-mocinho. Trata-se, sobretudo, de abrir passagem aos agenciamentos múltiplos que nos cercam, produzindo, no caso das subjetividades skatistas em questão, híbridos de mocinhos rebeldes e que não cessam de se metamorfosear.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval. Às margens de O Mediterrâneo: Michel Foucault, historiador dos espaços. In: ALBUQUERQUE, Durval; VEIGA-NETO, Alfredo; FILHO, Alípio. **Cartografias de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.93-107.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 131-149.

BRANDÃO, Leonardo. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. **Projeto História**, n. 49, p.296-323, abr. 2014.

BRANDÃO, Leonardo. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Revista de História de Esporte**, v. 1, n. 2, p. 1-24, dez.2008.

BUJES, Maria. Infância e Risco. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 3, p. 157-174, set./dez. 2010.

BUJES, Maria. O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder. **Educação & Realidade**, v. 25, n.1, p. 25-44, jan./jun. 2000.

CASTRO, Edgardo. Governo, Governar, Governamentalidade. In: CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault:** um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica , 2009. p. 188-193.

**CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE (CBSK).** Modalidade Street. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/modalidades/street>>. Acesso em: 3 out. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997p. v. 5.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L'abécédaire de Gilles Deleuze**, entrevista feita por Claire Pernet, filmada e dirigida por Pierre-André Boutang. Paris: *Vidéo 202 Éditions Montparnasse*, 1996.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance:** da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias et Letras, 2010.

EWALD, François. Foucault e a norma. In: EWALD, François. **Foucault:** a norma e o direito. Lisboa: Veja, 1993. p. 77-125.

FONSECA, Márcio. **A época da norma.** Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-epoca-da-norma/>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1:** a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014. v. 1.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. Aula de 25 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população:** curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 73-116.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault:** uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2:** o uso dos prazeres. 8. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KHOURI, Mauro. Rizoma e Educação: Contribuições de Deleuze e Guattari. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15. Maceió. **Anais...** Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos, 2009. Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/198.%20rizoma%20e%20educa%C7%C3o.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/198.%20rizoma%20e%20educa%C7%C3o.pdf)>. Acesso em: 21 dez. 2016.

MACHADO, Giancarlo. De skate pela cidade: quando o importante é não competir. **Cadernos de campo**, n. 21, p. 171-188, 2012.

OLIVEIRA, Thiago; PARAÍSO, Marlucy. Mapas, danças, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-positões**, v. 23, n. 3, p. 159-178, set./dez. 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SOARES, Carmem. A educação do corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE, Durval; VEIGA-NETO, Alfredo; FILHO, Alípio. **Cartografias de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.69-82.

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** conceitos essenciais. São Carlos: Claramar, 2005.

TEIXEIRA, Juliana. **Memórias da prática do skate em Rio Grande/RS:** geopolíticas, arquiteturas e skatistas. 2014. 61 f. (Monografia Licenciatura em Educação Física). -Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel:** políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 105-118.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura. Inclusão e governamentalidade. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 947-963, out. 2007.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.